



History of Education in Latin America - HistELA

This work is licensed under a [Creative Commons — Attribution 4.0 International — CC BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Feminização do magistério e cultura escolar: análise de álbuns fotográficos de professoras aposentadas

Feminization of teaching and school culture: analysis of photograph albums of retired female teachers

Damirianis de Souza Cardoso

Orcid: 0009-0009-4024-0483

Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA, Brasil, Email: dscardoso.ppge@uesc.br

Cristiane Batista da Silva Santos

Orcid: 0000-0002-7582-6582

Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA, Brasil, Email: cbssantos@uesc.br

DOI: 10.21680/2596-0113.2026v9n1ID42107

Citação: Cardoso, Damirianis de Souza; Santos, Cristiane Batista da Silva. (2026). Feminização do magistério e cultura escolar: análise de álbuns fotográficos de professoras aposentadas. *History of Education in Latin America - HistELA*, 9(1). Recuperado de <https://periodicos.ufrr.br/histela/article/view/42107>

Conflito de interesses: Os autores declaram não possuir conflitos de interesse.

Editora: Olivia Moraes de Medeiros Neta

Recebido: 15/11/2025

Aprovado: 26/07/2026

OOPEN ACCESS

Resumo

O trabalho insere-se no campo da História da Educação e analisa as representações sociais da docência feminina presentes na cultura escolar. Busca vestígios de como a constituição docente foi associada ao cuidado, à vocação e à maternidade. Fundamenta-se no campo da cultura escolar com autores como Alves (2010), Varela e Alvarez-Uria (1992), Boto (2014) e Julia (2001). Utiliza-se da pesquisa documental, com análise dos álbuns de professoras aposentadas. Adota-se o método indiciário de Ginzburg, tal como discutido por Tinem e Borges (2003), que orienta a análise dos indícios além do visível no documento. Os álbuns das professoras revelam-se como materialidade da cultura escolar, da docência feminina e das representações da maternidade, do cuidado e da vocação no magistério.

Palavras-chave: Magistério; Feminização; Cultura escolar.

Abstract

This work falls within the field of History of Education and analyzes the social representations of female teaching present in school culture. It seeks traces of how the constitution of teaching was associated with care, vocation, and motherhood. It is based on the field of school culture with authors such as Alves (2010), Varela and Alvarez-Uria (1992), Boto (2014), and Julia (2001). It uses documentary research, with analysis of the albums of retired teachers. Ginzburg's indicial method is adopted, as discussed by Tinem and Borges (2003), which guides the analysis of clues beyond what is visible in the document. The teachers' albums reveal themselves as material evidence of school culture, female teaching, and representations of motherhood, care, and vocation in teaching.

Keywords: Teaching Profession; Feminization; School Culture

Introdução

A feminização do magistério, um fenômeno marcante na História da Educação, ocorreu por diversos fatores. Entre eles, destacam-se as reivindicações do movimento feminista por instrução feminina, a transição dos homens para cargos com melhores remunerações – como cargos de chefia ou outros empregos possibilitados pelo desenvolvimento do capitalismo e da urbanização –, bem como a reconstrução social do trabalho feminino. Nesse contexto, a docência de crianças foi intrinsecamente ligada à maternidade, considerando que o destino da mulher era ser mãe e, por isso, possuía o dom da vocação e do cuidado. Essas ideias de vocação, cuidado e maternidade estiveram atreladas à representação social da professora, moldando sua formação no magistério como um preparatório não apenas para a carreira, mas também para a maternidade e o casamento.

Esses rituais, representações e normas fazem parte da cultura escolar, campo referenciado por Alves (2010), Boto (2014), Chartier (1990), Julia (2001), e Varela e Alvarez-Uria (1992), que definem a cultura escolar como estando imersa na arquitetura escolar, nos livros, na formação do professor e nas práticas cotidianas.

Portanto, o presente trabalho tem como objetivo analisar as representações sociais da docência feminina presentes na cultura escolar, buscando identificar vestígios de como a constituição docente foi associada ao cuidado, à vocação e à maternidade. Para tanto, utilizamos a pesquisa documental, com a análise dos álbuns fotográficos

de professoras aposentadas. Esses álbuns registram momentos do magistério, como turmas, aulas, estágio obrigatório e formatura.

Este artigo está estruturado em três seções, além da introdução e das considerações finais. A segunda apresenta a metodologia, enquanto a terceira expõe os resultados e discussões, divididos em três subtópicos: o primeiro aborda a feminização do magistério e a construção da representação docente; o segundo, o local do estudo; e o terceiro, a discussão das fotografias no âmbito da cultura escolar.

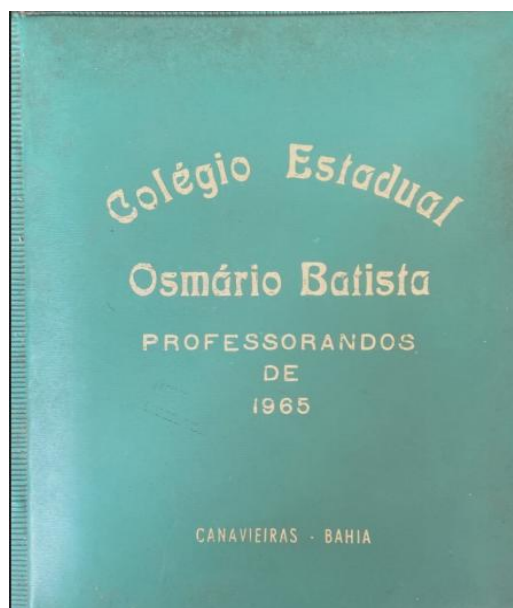
Metodologia

Na metodologia, utilizamos a pesquisa documental, fundamentada em Souza e Giacomoni (2021), que afirmam ser essa abordagem fundamental para a construção e/ou reconstrução da narrativa histórica, especialmente no campo da História da Educação, pois permite a identificação de indícios de políticas públicas, discursos, disciplinas e reformas de prédios, revelando as relações dos sujeitos com esses aspectos. Nesse sentido, o uso da pesquisa documental na História da Educação possibilita também evidenciar trajetórias de sujeitos invisibilizados e esquecidos, como as professoras. Segundo Almeida (2022), no debate sobre gênero e história, a história é escrita por homens, relegando as mulheres à invisibilidade.

Partimos da noção de documento baseada em Le Goff (1990), que o compreende como documento/monumento. O autor define o monumento como uma “herança do passado”, enquanto os documentos são escolhidos pelo pesquisador para acessar e compreender o passado e as memórias. Adota-se também o método indiciário de Ginzburg, que, segundo Tinem e Borges (2003), propõe a busca e a análise dos indícios além do visível nos documentos. Nesta pesquisa, os documentos que orientam a análise são os álbuns das professoras aposentadas, os quais contêm fotografias de turmas, aulas, estágios obrigatórios, formaturas, entre outros registros.

Nesse sentido, utilizamos como fonte as fotografias dos álbuns de professoras aposentadas. As docentes formaram-se no magistério do Ginásio Estadual Osmário Batista, localizado em Canavieiras e inaugurado em 1958, sendo a primeira instituição de ensino secundário do município.

Figura 1 - Álbum de formatura magistério



Fonte: Arquivo pessoal de Geny do Ouro (2025).

A fonte histórica utilizada nesta pesquisa são os álbuns de seis professoras aposentadas, totalizando 115 fotografias que registram diferentes momentos do magistério: desde a formação como alunas, estágio, colação de grau até o momento de assunção do cargo na docência. Conforme Gomes (2016), os arquivos pessoais guardam memórias em escritos e fotografias e possibilitam seu uso na pesquisa histórica.

O foco nesses álbuns de fotografias justifica-se pela dinâmica reveladora da imagem, pois, como define Alves (2010), a fotografia escolar é um forte indício da cultura escolar, sendo parte dessa materialidade. Portanto, as fotografias escolares, em especial os retratos dos alunos, permitem a preservação da imagem e devem ser analisadas minuciosamente em seus gestos, enquadramentos, sentidos e objetos que comunicam valores e símbolos da escola.

Sem a fotografia, as cenas seriam esquecidas e, ao fazer parte de um álbum fotográfico, a foto traz de volta, através da recordação, o momento congelado pela máquina. O momento da formatura e do baile ficaria apenas na lembrança e não poderia ser partilhado com mais ninguém (Cardoso, 2011, p. 86).

Sendo assim, as fotografias congelam momentos e funcionam como registro da materialidade da cultura escolar, revelando atividades, eventos, festas cívicas, colações de grau, entre outros.

Resultados e Discussões

Feminização do magistério: a construção da professora-mãe-esposa ideal

Para compreender a inserção feminina no magistério, é fundamental distinguir os conceitos de *feminização* e *feminilização*. Enquanto a *feminização* explica o processo social, histórico, econômico e político da inserção da mulher no magistério, a *feminilização* refere-se à quantificação dessas mulheres na docência. Apesar de serem conceitos diferentes, ambos se complementam (Yannoulas, 2011).

Nesse sentido, Louro (1997) afirma que a entrada das mulheres no magistério não se deu sem discussões. Por um lado, havia o argumento de que, sendo “portadoras de cérebros pouco desenvolvidos”, as mulheres seriam incapazes de lidar com as crianças; por outro, consolidava-se a ideia de que, como a maternidade era considerada seu destino, seriam naturalmente educadoras e cuidadoras.

Essa discussão sobre vocação feminina e função materna marcou o século XIX e o início do século XX. Concomitantemente, a saída dos homens da sala de aula, motivada pelos baixos salários e pela migração para cargos de chefia ou funções impulsionadas pelo capitalismo e pela industrialização, abriu um vácuo no magistério. Com essa saída masculina, fortaleceu-se o debate sobre a entrada das mulheres, ressignificando o lugar do homem/professor na escola (Cardoso, 2011).

Aragão e Kreutz (2011) enfatizam que a entrada da mulher no magistério também foi influenciada por interesses econômicos, pois a contratação feminina era financeiramente vantajosa. Ao pagar menos às mulheres, resolviam-se dois problemas: a redução de gastos e a falta de professores. Esse contexto reforçou o magistério como extensão do lar, sendo uma atividade possível de conciliar com a maternidade e o matrimônio.

Nesse sentido, Cardoso (2011) salienta que a naturalização das mulheres no magistério contribuiu para o aumento da procura pelas Escolas Normais. A carreira docente era socialmente aceitável para a mulher porque possibilitava conciliar trabalho e lar, já que permitia trabalhar apenas em um turno. Entretanto, muitas professoras precisavam atuar em dois turnos, conciliando o papel de mãe e esposa, o que resultava em jornadas multifacetadas e sobrecarga. Essa naturalização também gerou desigualdade de gênero no trabalho: os homens recebiam salários mais altos, justificados pelo papel de provedores, enquanto o salário das mulheres era visto como complemento. Essa desigualdade também se refletia no currículo, pois disciplinas como geometria determinavam o valor do salário.

A figura da professora-mãe-esposa foi consolidada por discursos sociais e religiosos. Santos (2017) afirma que essa concepção da mulher ligada à maternagem/maternidade estava relacionada à preocupação republicana com a saúde da população e a mortalidade infantil, além da concepção religiosa que considerava ser mãe uma forma de redenção da imagem da Eva pecadora. Portanto, ao ingressar na carreira docente, essas mulheres deveriam encarar a profissão como missão divina e sacerdócio, aproximando a imagem da professora da mãe e considerando os alunos como filhos espirituais. Isso culminou em uma domesticação da profissão docente. Essa domesticação não se limitava às normas sociais, pois estava imersa na formação das professorandas:

[...] seus currículos, suas normas, os uniformes, o prédio, os corredores, os quadros, as mestras e mestres, tudo faz deste um espaço destinado a transformar meninas/mulheres em professoras. A instituição e a sociedade utilizam múltiplos dispositivos e símbolos para ensinar-lhes sua missão, desenhar-lhes um perfil próprio, confiar-lhes uma tarefa. A formação docente também se feminiza (Louro, 1997, p. 380).

Sendo assim, disciplinas como administração do lar, economia doméstica e puericultura eram voltadas para formar essa professora para a maternidade e o matrimônio, reforçando a conexão do magistério com os papéis sociais de mãe e esposa (Santos, 2017).

Almeida (2022) salienta que a entrada da mulher no mercado de trabalho, especialmente no magistério, não ocorreu de forma pacífica. Houve reivindicações do movimento feminista e o uso da imprensa feminina como contraponto à mentalidade da época, que defendia que a inserção da mulher no trabalho prejudicaria seu papel no lar, além de representar concorrência aos homens nos cargos de trabalho. Os direitos não foram conquistados sem lutas, e a mentalidade da divisão dos papéis sexuais – herança cultural portuguesa –, aliada às ideias morais da Igreja Católica, impedia a mulher de ingressar no mercado de trabalho¹. O magistério, nesse contexto, foi compreendido como uma “paixão pelo possível”, por se constituir na única profissão socialmente aceita para as mulheres. Assim, a docência funcionava como extensão do lar: o trabalho de educar, cuidar e guiar os alunos numa missão pautada em ideais positivistas e higienistas, o que reforçou a associação da profissão aos papéis de maternidade e cuidado.

O Ginásio Estadual Osmário Batista: o local da cultura escolar

As seis professoras aposentadas, cujos álbuns de fotografias constituem o cerne desta pesquisa, formaram-se na mesma instituição: o curso de magistério do Ginásio Estadual Osmário Batista. A instituição está localizada em Canavieiras/BA e foi inaugurada em 28 de setembro de 1958 (Decreto nº 17.113), estabelecendo-se como a primeira instituição de ensino secundário do município. Sua abertura representou a democratização do ensino e, sobretudo, a profissionalização das mulheres, com a oferta do curso pedagógico criado pelo Decreto nº 17.119, de 13 de setembro de 1958,

possibilitando que mulheres sem condições financeiras ou autorização familiar para viajar pudessem estudar e formar-se professoras em sua própria cidade.

Figura 2 - Prédio original do ginásio no dia da inauguração, 27 de setembro de 1958.



Fonte: Jornal Tabu. Canavieiras. 1ª quinzena de setembro de 2008, nº 763.

Nesse contexto, o Ginásio Estadual Osmário Batista (GOB) não foi apenas um espaço físico, mas um local de cultura escolar, onde discursos, valores e práticas foram materializados e transmitidos.

Frago e Escolano (2001) afirmam que a cultura escolar está presente na materialidade do espaço físico; sendo assim, a arquitetura escolar faz parte de um programa que comunica e impõe valores como ordem, disciplina e vigilância – elementos que fazem parte do currículo oculto e silencioso. Outro fator relevante é a localização da instituição, que também é intencional e educativa, pois o espaço físico influencia a aprendizagem e a cultura escolar, determinando comportamentos.

Conforme Louro (1997), o espaço interno de uma escola possui uma organização de significados: corredores, salas, bandeiras, retratos e quadros de formaturas não são neutros – afirmam ou ocultam saberes. No Ginásio Osmário Batista, esses elementos, aliados ao currículo, ao uniforme, às práticas e às festas cívicas, contribuíam para reforçar a representação da docência feminina.

Sendo assim, a escola tem como função a formação moral e o condicionamento de comportamentos. Varela e Alvarez-Uria (1992) frisam que a “maquinaria escolar” – a escola que conhecemos hoje como obrigatória, pública e gratuita – tem uma relação política de controle, impondo valores morais e buscando ensinar conhecimentos e comportamentos socialmente aceitos. No magistério, essa maquinaria visava à formação de professoras associadas às ideias de maternidade, vocação e cuidado, como extensão das normas sociais patriarcais.

Representação docente e cultura escolar nos álbuns de fotografias das professoras

Após contextualizar a feminização do magistério e o papel do ginásio na formação das professoras em Canavieiras/BA, esta seção volta seu olhar para as fontes deste artigo: os álbuns de fotografias das professoras aposentadas. Compreendendo a fotografia como “forte indício da cultura escolar” (Alves, 2010) e, utilizando o método indiciário de Ginzburg (2003), discutido por Tinem e Borges (2003) que busca-se nas imagens, indícios além do visível, a fim de compreender como as representações sociais da docência foram construídas e quais vestígios da cultura escolar elas revelam.

A cultura escolar é compreendida como o “conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos” (Julia, 2001, p. 2). Portanto, não é possível analisar a profissão docente sem compreender o papel desses sujeitos em obedecer e transmitir tais ordens.

Sendo assim, utilizam-se as fotografias como parte dessa cultura escolar e como produções humanas que captam o olhar do fotógrafo, sujeitas à interferência de fatores como enquadramento, relação entre fotógrafo e sujeito e as intencionalidades envolvidas na captura (Vanti, 2006).

Segundo Almeida (2022), a história é escrita por homens, enquanto as histórias das mulheres permanecem guardadas e esquecidas – muitas vezes reveladas apenas por documentos preservados por elas próprias e, em certos momentos, até destruídos. Enquanto os arquivos oficiais tendem a guardar os feitos masculinos, falar da história das mulheres no magistério não é falar sobre as vencidas, mas sobre as vencedoras: aquelas que desafiaram os dogmas da sociedade, enfrentaram vigilâncias sobre seus corpos e comportamentos e ingressaram em uma profissão que lhes possibilitava liberdade e circulação no espaço público, para além do lar.

Figura 3 - Primeira turma do magistério do GOB.



Fonte: Arquivo pessoal de Geny do Ouro (2025)

A fotografia acima, que mostra seis mulheres e um homem compondo a primeira turma do magistério, demonstra o que Yannoulas (2011) define como *feminilização*, evidenciando o aumento da presença feminina no magistério. Além disso, a presença do diretor ao centro da foto destaca a hierarquia e a centralidade da autoridade masculina na escola.

As professoras estão sorridentes e acolhedoras, enquanto os homens mantêm expressões sérias – o que evidencia o que Varela e Alvarez-Uria (1992) afirmam sobre a “maquinaria escolar”: o professor é percebido como figura de autoridade, e a seriedade faz parte do “pacote” de conduta. A docência, vista como sacerdócio, impunha às mulheres uma imagem de doçura, cuidado e maternalidade.

Observa-se, na imagem, cinco mulheres com traços faciais e tons de pele comumente associados a pessoas negras ou pardas, considerando um olhar fenotípico bastante comum no Brasil – cor da pele mais escura, textura e volume de cabelo próximos a características afro e traços faciais relacionados à negritude.

Na fotografia, os alunos estão vestidos com o uniforme completo; este, assim como as disciplinas, o regimento, as práticas e os conhecimentos, revela as “liturgias formativas” (Boto, 2014).

Figura 4 - Professora Jael do Ouro no estágio.



Fonte: Arquivo pessoal de Jael do Ouro (2025).

A fotografia acima, pertencente ao álbum de Jael do Ouro, mostra o estágio obrigatório do magistério. Destaca-se o uniforme e, ao fundo, a professora regente da sala, acompanhada por dezenove crianças e um quadro com a frase “O Brasil merece o nosso amor”.

A frase no quadro expressa a liturgia explicada por Boto (2014), segundo a qual as professoras, enquanto construtoras da nação, eram formadas para transmitir moralidade e civilidade por meio de suas aulas, ensinando não apenas conteúdos escolares, mas também comportamentos e atitudes.

Nesse sentido, Müller (2008) postula que a professora primária recebeu a missão de construtora da pátria, e a escola tornou-se um espaço de modelagem da população brasileira, da identidade e do sentimento nacional. Essa modelagem se dava por meio de conteúdos civilizatórios, morais e étnicos, além da difusão do mito da origem e da reverência aos heróis nacionais, com a professora primária à frente desse processo.

Figura 5 - Formatura magistério do ano de 1968.



Fonte: Arquivo pessoal de Ana Maria Leal (2025).

Na fotografia acima, observa-se o momento da formatura, com a presença de um padre em um altar improvisado sobre a mesa, realizando a comunhão enquanto a formanda, vestida de beca e capelo, recebe a hóstia. Percebe-se que, mesmo em um Estado laico, o catolicismo esteve presente na escola e em seus rituais, como neste caso – um ritual de passagem institucional.

No ginásio, a colação de grau era realizada no auditório da instituição, enquanto a cerimônia religiosa ocorria na igreja católica e/ou na protestante, em respeito à fé das alunas, mas sempre demarcando a relação entre Estado e Igreja.

A presença do padre nas formaturas pode reforçar a ideia de que a Igreja também assumia papel legitimador da educação nas instituições, especialmente em contextos em que religião e escola estavam fortemente entrelaçadas. Essa fotografia pode ser

interpretada como um marco do reconhecimento institucional da mulher como educadora, embora ainda inserida em um contexto simbólico que reforçava o caráter sagrado, disciplinado e domesticado da profissão.

Conforme Almeida (2011), o catolicismo exerceu forte influência na sociedade, impondo normas e restrições destinadas ao sexo feminino, defendendo que as mulheres deveriam preparar-se para o casamento como imagem e semelhança da Virgem Maria, e que a educação feminina deveria formar futuras esposas e mães. Segundo a autora, “tanto no campo como na cidade, as mulheres foram as principais destinatárias da ideologia religiosa, as fiéis mantenedoras da ordem, da moral e dos preceitos cristãos” (Almeida, 2011, p. 3).

Sendo assim, os eventos escolares atravessados pela religiosidade católica evidenciam que a formação das professoras era vista para além do aspecto profissional – como moral e espiritual –, configurando uma dupla vocação: para a fé e para a educação.

Figura 6 - Desfile cívico GOB.



Fonte: Arquivo pessoal de Carmosina Fernandes (2025).

Na fotografia acima, observa-se uma professora com o uniforme do magistério desfilando com a bandeira do Brasil durante um evento cívico. Nesse sentido, o objetivo do magistério era a formação moral e cívica das alunas, ao mesmo tempo em que atribuía às professoras o papel de disseminadoras do amor à pátria. Assim, a bandeira nacional assume um papel simbólico importante, representando a relação entre escola e nação.

Como explica Boto (2014), a escola é composta por uma liturgia e forma para além dos conteúdos, determinando comportamentos e valores. Na formação das professoras, o civismo e a moralidade faziam parte desse processo, e eram elas as responsáveis por transmitir esses conhecimentos e comportamentos. Müller (2000) afirma que o magistério possibilitava à professora conquistar seu espaço na esfera pública, devido ao papel de construtora da pátria e missionária da civilização – função atribuída por políticas de Estado.

Figura 7 - Turma magistério s/d.



Fonte: Arquivo pessoal de Simone Maria Ribeiro (2025).

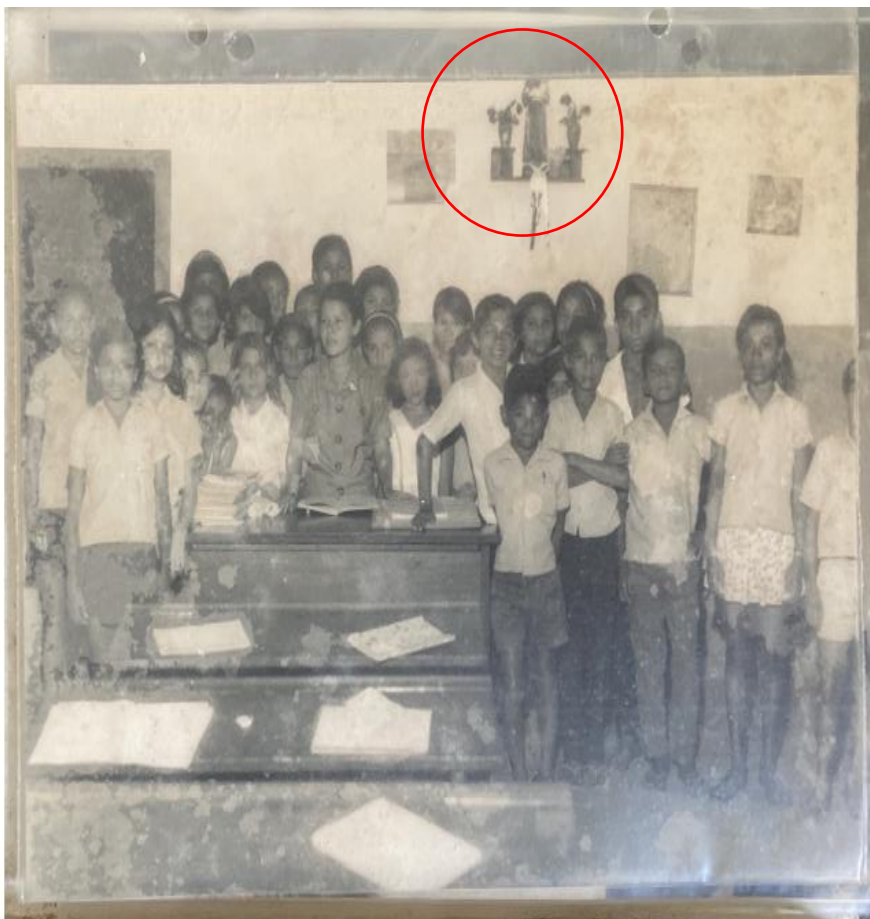
Contrapondo-se à fotografia 3, que retratava apenas um aluno homem, a imagem acima, da década de 1970, mostra trinta alunas – todas mulheres –, o que revela a feminilização do magistério. Percebe-se a postura das formandas e o uso do uniforme padronizado, bem como as bandeiras ao fundo, elementos que evidenciam disciplina e cultura escolar.

Nesse sentido, como afirma Cardoso (2011, p. 72):

as disciplinas cursadas, os professores, o material didático, o uniforme, o estágio curricular, a cerimônia de formatura, os álbuns de fotografias, a instituição, enquanto Cultura Escolar, foram elementos responsáveis pela formação docente destas mulheres.

Assim, a fotografia funciona como vestígio material dessa cultura escolar, revelando a *liturgia escolar* defendida por Boto (2014), que afirma que as práticas, rituais e símbolos transmitem conhecimentos, valores e comportamentos, moldando condutas e subjetividades. Sendo assim, a “maquinaria escolar” (Varela; Alvarez-Uria, 1992) formava mulheres para serem professoras-mães-esposas ideais, devotadas à sua missão divina de cuidar e educar seus “filhos espirituais”.

Figura 8 - Estágio do magistério.



Fonte: Arquivo pessoal de Gildete do Ouro (2025).

Na fotografia acima, observa-se a estagiária do magistério ao centro, acompanhada de 28 crianças com uniformes diferentes ou incompletos – algumas usando sandálias, shorts e até sem uniforme. No canto superior direito, há uma escultura religiosa de um santo da Igreja Católica, demonstrando a presença da religiosidade como parte do ambiente escolar e das práticas educativas.

Há gestos na escolarização que são inesquecíveis na liturgia da memória. As crianças em fila, a organização do espaço em classes seriadas, a construção de horários para abrigar diferentes matérias e disciplinas do currículo, as interações do professor e dos alunos no espaço da sala de aula, as carteiras enfileiradas, o ponto registrado no quadro negro, tudo isso indicia ações e andanças implicadas no que compreendemos por vida escolar (Boto, 2014, p. 6).

Sendo assim, a religião católica, embora o Estado seja laico, permanece presente na organização das salas e das práticas escolares.

Figura 9 - Chá de panela no ginásio.



Fonte: Arquivo pessoal de Simone Maria Ribeiro (2025).

Na fotografia acima, temos a professora Simone Maria em seu chá de panela, abrindo presentes, rodeada por crianças vestidas com o uniforme diário do ginásio – aparentemente seus alunos, que organizaram a celebração. Destaca-se a escola como um espaço atravessado por outras dinâmicas, como o futuro casamento da professora e a relação de cuidado entre ela e os alunos.

Louro (1997) afirma que o casamento e a maternidade eram constituídos como a “carreira feminina”, e tudo que afastasse as mulheres desse caminho era considerado desvio da norma. Nesse sentido, Santos (2017) complementa que, na construção desse padrão moral, o casamento era o destino obrigatório e, enquanto isso, as solteiras deveriam seguir regras rígidas, mantendo-se “à imagem e semelhança da Virgem Maria” – ou seja, virgens e puras.

Percebe-se, portanto, nessas imagens, como essas ideias invadiam o espaço escolar – e como a escola era conivente com isso –, já que o currículo também estava alicerçado nessas concepções, ao ofertar disciplinas voltadas à preparação para os papéis de mãe e esposa.

Considerações finais

O presente artigo teve como objetivo analisar as representações sociais da docência feminina presentes na cultura escolar, buscando identificar vestígios de como a constituição docente foi associada ao cuidado, à vocação e à maternidade.

O processo de feminização/feminilização do magistério foi impulsionado por fatores sociais, econômicos e políticos que associaram o magistério à maternidade, criando a representação da professora-mãe-esposa.

Por meio dos álbuns de fotografias de seis professoras aposentadas, foram selecionadas algumas imagens para investigar a cultura escolar. Consta-se que essas fotografias revelam a materialidade da cultura escolar – como o uniforme, a sala de aula, a arquitetura escolar e a presença da Igreja Católica nas cerimônias de colação de grau e na formação dessas professoras –, o que demonstra a liturgia escolar.

Essas imagens evidenciam a formação das professoras para atender a preceitos religiosos e disseminar ideias morais entre os alunos, sendo exemplos de moralidade e civilidade. Além disso, permitem verificar, na cultura escolar, a presença feminina no magistério e o perfil étnico-racial das docentes, destacando-se a intersecção entre gênero, profissão e representação social.

Referências

Almeida, J. S. (2011). Professoras virtuosas, mães educadas: Retratos de mulheres nos tempos da República brasileira (séculos XIX/XX). *Revista HISTEDBR On-Line*, 11(42), 143–156.

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639871>

Almeida, J. S. (2022). *Mulher e educação: A paixão pelo possível*. Editora Unesp.

Alves, C. (2010). Educação, memória e identidade: Dimensões imateriais da cultura material escolar. *Revista História da Educação*, 14(30), 101–125.

<https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/28914/pdf>

Aragão, M. C., & Kreutz, L. (2011). Representações acerca da mulher-professora: Entre relatos históricos e discursos atuais. *Revista História da Educação*, 15(34), 106–122. <https://www.redalyc.org/pdf/3216/321627141007.pdf>

Boto, C. (2014). A liturgia da escola moderna: Saberes, valores, atitudes e exemplos. *Revista História da Educação*, 18(44), 99–127. <https://www.scielo.br/j/heduc/a/mYybNBD7hVNgkrwNWTXK5DS/abstract/?lang=pt>

Cardoso, M. P. S. (2011). *De normalistas a professoras: Um estudo sobre a trajetória profissional feminina em Feira de Santana (1950–1960)* [Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Feira de Santana].

Chartier, R. (1990). Introdução. In R. Chartier, *A história cultural: Entre práticas e representações* (pp. 13–28). Difel; Bertrand Brasil.

De Souza, J. E., & Giacomoni, C. (2021). Análise documental como ferramenta metodológica em história da educação: Um olhar para pesquisas locais. *Cadernos Ceru*, 32(1), 139–156.

Frago, A. V., & Escolano, A. (2001). Introdução. In A. V. Frago & A. Escolano, *Currículo, espaço e subjetividade: A arquitetura como programa* (pp. 22–55). DP&A.

Julia, D. (2001). A cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*, (1), 9–43. <https://repositorio.unifesp.br/items/e9023977-ec31-43ec-802a-7ba9759d8ea2>

Le Goff, J. (1990). Documento/monumento. In J. Le Goff, *História e memória* (pp. 462–476). Editora da Unicamp.

Louro, G. L. (1997). Mulheres na sala de aula. In M. Del Priore (Ed.), *História das mulheres no Brasil* (pp. 443–481). Contexto.

Müller, M. L. R. (2008). *Educadores e alunos negros na Primeira República*. Fundação Biblioteca Nacional.

Santos, I. de J. R. (2017). *A mulher no magistério: Representações da identidade docente no Maranhão republicano (1890–1940)* [Dissertação de mestrado profissional, Universidade Estadual do Maranhão].

Tinem, N., & Borges, L. (2003). Ginzburg e o paradigma indiciário. In *Simpósio Nacional de História, 22., 2003, João Pessoa. Anais* (pp. 83–84). ANPUH/UFPB.

Varela, J., & Álvarez-Uría, F. (1992). A maquinaria escolar. *Teoria & Educação, 6*, 68–96. <https://dn721901.ca.archive.org/0/items/teoria-educacao-n.-6-1992/Teoria%20%26%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20-%20n.%206%20-%201992.pdf>

Vanti, E. S. (2006). A fotografia e a pesquisa em História da Educação: Elementos para a construção de uma metodologia. *História da Educação, 10*(19), 121–130.

Yannoulas, S. C. (2011). Feminização ou feminilização? Apontamentos em torno de uma categoria. *Temporalis, 11*(22), 271–292.

https://www.oasisbr.ibict.br/vufind/Record/UFES-4_31e07858df4e0bce4ecb56d33e5bbcad

Contribuições de Autores

Damirianis de Souza Cardoso: participou de todas as etapas da pesquisa.

Cristiane Batista da Silva Santos: participou de todas as etapas da pesquisa.

Uso de Inteligência Artificial (IA)

Os autores declaram que não utilizaram ferramentas de Inteligência Artificial na elaboração deste manuscrito.

Nota

ⁱ Ao afirmar que as mulheres eram impedidas de ingressar no mercado de trabalho, trata-se das mulheres de classe média, pois as mulheres pobres já trabalhavam para o sustento da família.